

Conhecimento dos estudantes de medicina acerca das infecções sexualmente transmissíveis

Knowledge of medical students about sexually transmitted diseases

DOI: <https://doi.org/10.47224/revistamaster.v7i13.250>

Vívian Laís de Lima
Thayoana Nathalia Siqueira
Verônica Leite Morais
Hugo Ribeiro Zanetti
Alexandre Gonçalves

e-mail: alexandre.goncalves@imepac.edu.br

Resumo

Os jovens, que são maioria da população constituinte das universidades, são um grupo vulnerável às infecções sexualmente transmissíveis (IST), devido a fatores variáveis, tais como o comportamento de risco e o desconhecimento sobre o assunto. Esse estudo visa analisar o nível de conhecimento e exposição ao risco de contágio por infecções sexualmente transmissíveis em estudantes de medicina. É um estudo transversal realizado em uma faculdade particular de Minas Gerais, com análise de questionários aplicados em amostra aleatória e estratificada do 1º ao 8º semestre do curso de medicina. No estudo, 72,23% (n=117) já se colocou em risco à exposição a IST, sendo o principal fator a relação sexual sem uso de preservativo. Os participantes demonstraram bom conhecimento acerca do Papiloma Vírus Humano (HPV) e Vírus da Imunodeficiência Adquirida Humano (HIV), 93,21% (n=151) têm conhecimento sobre a vacinação referente ao HPV, no entanto a inexistência da vacinação referente à hepatite C ainda é conflitante. 19,75% não sabem relacionar a IST ao agente causador. A partir desses resultados encontrados pode-se concluir que a maioria dos voluntários considera que, dentre as IST, têm conhecimento suficiente principalmente sobre o HIV. Assim, é importante a existência de um programa de intervenção para maior conscientização dos voluntários, principalmente, por se tratar de futuros profissionais de saúde que atuarão tanto na prevenção quanto no tratamento das IST.

Palavras-chave: Infecções sexualmente transmissíveis; estudantes de medicina; conhecimento.

Abstract

Young people, who are the majority of the population constituting universities, are a vulnerable group to sexually transmitted infections (STI), due to variable factors such as risk behavior and lack of knowledge about the subject. This study aims to analyze the level of knowledge and exposure to the risk of contagion from sexually transmitted infections in medical students. It is a cross-sectional study carried out in a private college in Minas Gerais, with analysis of questionnaires applied to a random and stratified sample from the 1st to the 8th period of the medical course. In the study, 72.23% (n=117) had already put themselves at risk of exposure to STI, the main factor being sex without condom use. The participants showed good knowledge about HPV and HIV, 93.21% (n=151) have knowledge about vaccination against HPV, however the lack of vaccination against hepatitis C is still conflicting. 19.75% do not know how to relate the STI to the causative agent. From these results it can be concluded that most volunteers consider that, among the STIs, they have enough knowledge, especially about HIV. Thus, it is important to have an intervention program to raise volunteers' awareness, mainly because they are future health professionals who will work both in the prevention and treatment of STI.

Keywords: Sexually transmitted infections; medical students; knowledge.

1 INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por mais de 30 patógenos, como vírus, bactérias, fungos e protozoários. Podem ser difundidas através do contato sexual, secreções, via sanguínea ou verticalmente durante uma gestação, parto ou amamentação. São várias as formas das IST se apresentarem, podendo ser elas: verrugas, corrimento vaginal, úlceras genitais, corrimento uretral e doença inflamatória pélvica (BRASIL, 2015). Entretanto, diversos casos podem progredir com pouca ou nenhuma manifestação clínica (AZEVEDO, 2008).

Existem mais de 30 infecções que podem ser transmitidas sexualmente (HOLMES, 2008). Em uma perspectiva global, segundo estimativas do ano de 2013 da OMS, diariamente mais de um milhão de pessoas contraem uma IST. Anualmente, estima-se que 500 milhões de pessoas adquirem uma IST curável (gonorreia, clamídia, sífilis e tricomoníase). Da mesma forma, calcula-se que mais de 290 milhões de mulheres estejam infectadas pelo Papiloma Vírus Humano (HPV) (BRASIL, 2015).

Em âmbito nacional, conforme explicitado por Ministério da Saúde do Brasil (2018), em 2017 foram diagnosticados 42.420 novos casos de HIV e 37.791 casos de AIDS, com uma taxa de detecção de 18,3/100.000 habitantes. Assim, de 1980 a 2017 foram 982.129 casos de AIDS detectados no país. Do mesmo modo, em 2016, no Brasil, foram notificados 87.593 casos de sífilis adquirida, 37.436 casos de sífilis em gestantes e 20.474 casos de sífilis congênita. Desses, 185 resultaram em óbito (BRASIL, 2017). Mesmo diante dos dados expostos, tem-se uma grande dificuldade em mensurar a quantidade de pessoas que possuem IST, pois poucas destas estão incluídas na lista de agravos de notificação compulsória, o que dificulta o tratamento e, principalmente, a prevenção (FERNANDES et al., 2016).

No que diz respeito aos comportamentos de risco para as IST, aponta-se o número de parceiros sexuais, não uso ou a falta de instrução com relação aos preservativos ou métodos anticoncepcionais, práticas sexuais de risco, uso inconsciente de materiais não esterilizados e alta prevalência de acidentes com materiais perfurocortantes (JACOBOWSKI; JUNG; TREVISOL, 2010). Vale destacar, que no caso dos profissionais de saúde, esses comportamentos de risco se amplificam, pois a vulnerabilidade à exposição de IST não é sempre reconhecida. Desse modo, o equipamento de proteção individual (EPI) é utilizado pela equipe da área de saúde, na maioria das vezes, apenas com o paciente já com o diagnóstico de uma infecção transmissível (GIR et al., 2004).

Segundo Spindola et al. (2017), os jovens são um grupo vulnerável às IST em função de seus comportamentos sexuais. O desconhecimento sobre as infecções e a falta de diálogo sobre o assunto são apontados como fatores que contribuem para a não adoção do preservativo nos contatos sexuais. Considerando que a população ingressante anualmente nas universidades é constituída majoritariamente por pessoas jovens, torna-se relevante dialogar com esses estudantes acerca das infecções transmitidas pela prática sexual de risco.

Fonte et al. (2018) mencionaram que os jovens universitários têm conhecimento abaixo da média acerca das IST. Este estudo foi realizado com estudantes de diversas áreas e idades, utilizando uma escala de 0 (nenhum conhecimento) a 4 (total conhecimento) para mensurar o nível de informação dos participantes. Um de seus resultados foi que o sexo feminino teve uma média de 1,756 e o sexo masculino de 1,605, apontando conhecimento insuficiente. Além disso, o início precoce da vida sexual, a diversidade de parceiros e o abuso de álcool e drogas também são fatores que tornam os universitários um grupo considerável de risco para as IST.

Diante do aumento da ocorrência de IST na população jovem brasileira (IPEA, 2013) e da escassez de dados sobre o nível de conhecimento e exposição dos estudantes de medicina às IST, percebe-se a necessidade do desenvolvimento de estudos que possam contribuir com informações sobre a realidade vivenciada neste meio acadêmico, tornando possível a conscientização e a aplicação de medidas preventivas. Nesse intuito, o presente trabalho objetiva analisar o nível de conhecimento sobre IST de discentes da graduação em medicina, do 1º ao

8º período, em uma faculdade particular de Minas Gerais. Com isso, será possível verificar os principais fatores de risco para IST, sua prevalência no meio e o nível de entendimento dos estudantes.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter transversal, pois estuda uma população de estudantes de medicina em determinado momento, identificando resultados existentes aos quais pode-se ou não associar fatores elencados (BASTOS; DUQUIA, 2007; ARAGÃO, 2011). Também possui caráter observacional e descritivo, com aplicação prática em campo do tipo quali-quantitativo, utilizando procedimentos técnicos de obtenção de dados por meio de um questionário para fim de levantamento e análise de variáveis relevantes para o estudo em questão, que foi aplicado individualmente aos estudantes de medicina.

O estudo foi realizado em uma faculdade particular do estado de Minas Gerais, com estudantes de medicina, do 1º ao 8º período, totalizando 592 matriculados, selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Foi calculado uma amostra aleatória e estratificada por período, do software GPower utilizando tamanho de efeito de 0.2, probabilidade de erro de 0,05 e poder de 0.8. Assim, chegou-se a um mínimo amostral de 20 alunos por período, que equivale a aproximadamente 27% dos alunos do 1º ao 8º semestre. As atividades foram desenvolvidas no período de outubro de 2020 a setembro de 2021.

Como critérios de inclusão tem-se os alunos regularmente matriculados na graduação em medicina de uma faculdade particular de Minas Gerais do 1º ao 8º período. Já como fatores de exclusão considera-se os discentes menores de 18 anos e/ou aqueles que não quiserem participar da pesquisa.

Inicialmente, após a seleção da amostra, foi entregue aos voluntários um termo de consentimento livre esclarecido para concordância ou não na participação no estudo. Para coleta de dados foi utilizado um questionário com questões estruturadas elaborado especificamente para o estudo. As questões foram organizadas em três domínios, sendo: dados pessoais, dados relacionados à exposição ao risco de contrair IST e dados relacionados ao nível de conhecimento dos voluntários sobre IST. Para garantir a privacidade dos voluntários, os questionários serão aplicados de forma anônima. Para isto, os voluntários responderam ao questionário que foi enviado via *Google forms* sem a necessidade de identificação.

Após a coleta de dados, os questionários foram analisados e os dados tabulados para análise estatística apropriada, de forma a analisar o conhecimento dos estudantes de medicina conforme o período de graduação e a exposição ao risco. As informações foram organizadas em forma de tabela com o auxílio do Software Excel. Após, foram calculadas as estatísticas pertinentes utilizando o Software BioEstat.

O presente estudo não apresenta riscos consideráveis aos voluntários, visto que será realizado de forma espontânea, anônima e com direito a desistência em qualquer etapa do preenchimento do questionário. Ademais, os resultados do presente estudo poderão servir de subsídios para possíveis estratégias de conscientização sobre os riscos das IST no meio universitário assim como tomadas de decisões sobre medidas preventivas a serem aplicadas a esta população específica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 162 estudantes e na tabela 1, que trata do perfil dos voluntários que responderam ao questionário, observa-se que a maior parte eram do sexo feminino (75,93%), com prevalência da idade entre 20 e 25 anos (64,2%), renda familiar maior que cinco salários mínimos (51,85%) e solteiros (50%).

Sexo	Feminino	75,93% (123)
	Masculino	24,07% (39)
Idade	<20	23,46% (38)
	20-25	64,2% (104)
	26-30	10,49% (17)
	>30	1,85% (3)
Renda	<3	29,01% (47)
	3-5	19,14% (31)
	5-10	23,45% (38)
	>10	28,4% (46)
Relacionamento (<i>Status</i>)	Solteiro	50% (81)
	Namorando	41,98% (68)
	Relacionamento aberto	1,85% (3)
	Casado	6,17% (10)

Tabela 1: Perfil dos voluntários participantes da pesquisa. N = 162 distribuídos em relação à frequência relativa e frequência absoluta.

Com relação à exposição ao risco de IST, a tabela 2 demonstra que a maioria (72,23%) considera que já se colocou em risco, sendo relação sexual sem uso de preservativo um grande motivo dessas exposições (88,27%). Quanto aos fatores que podem ter favorecido a exposição ao risco, a maioria relata o uso de bebida alcoólica durante as exposições (50,62%). Contudo, a maioria (76,55%) alega não ter feito uso de drogas ilícitas quando se colocou em risco. Outro ponto a destacar é que somente cerca de 50% dos voluntários relataram já ter realizado exame sorológico e menos da metade pretende fazer no futuro (49,38%).

Considera que já se colocou em risco para alguma IST	Sim	72,23% (117)
	Não	19,75% (32)
	Não iniciou a vida sexual	8,02% (13)
Sexo (com ou sem penetração) sem o uso de preservativo	Sim	88,27% (143)
	Não	3,7% (6)
	Não iniciou a vida sexual	8,03% (13)
Uso de bebida alcoólica quando se colocou em risco	Sim	50,62% (82)
	Não	41,36% (67)
	Não iniciou a vida sexual	8,02% (13)
Uso de droga ilícita quando se colocou em risco	Sim	15,43% (25)
	Não	76,55% (124)
	Não iniciou a vida sexual	8,02% (13)
Já fez exame sorológico	Sim	50% (81)
	Não	50% (81)
Pretende fazer exame para HIV	Sim	49,38% (80)
	Não	50,62% (82)

Tabela 2: Perfil dos voluntários quanto à exposição ao risco para IST. N = 162 distribuídos em relação à frequência relativa e frequência absoluta.

Na tabela 3 estão demonstrados os parâmetros utilizados para identificação do nível de conhecimento dos voluntários sobre as IST. Com relação à existência de vacina para as IST em questão, observa-se que o conhecimento acerca da vacinação para prevenção de infecção por HPV é bem difundida, 93,21% dos participantes sabem da existência da vacina, assim como na Hepatite B (95,06%). No entanto uma porcentagem significativa (59,88%) desconhece sobre a inexistência de vacina para hepatite C, o que expõe um baixo conhecimento sobre a prevenção das hepatites virais.

Em relação à vacina contra o HPV, em pesquisa realizada com usuários de saúde da rede pública de Campinas, menos de 9,0% dos participantes referiram já ter ouvido falar (OSIS; DUARTE; SOUZA, 2014). Em outra pesquisa, também no estado de São Paulo, realizada apenas com mulheres entre 18 e 30 anos, o conhecimento prévio sobre o HPV e sua vacina foi escasso, insuficiente e às vezes equivocado, com 68,5% das mulheres desconhecendo a existência da vacina (PEREIRA et al., 2016). Essas informações mostram a discrepância entre o conhecimento acerca da prevenção do HPV entre os estudantes de medicina desta pesquisa, com 93,21% conhecendo a vacina, e a população em geral.

Acerca da vacina contra hepatite B, pesquisa realizada com estudantes de odontologia do estado Paraíba encontrou que 86,9% têm conhecimento da imunização com utilização da vacina. Entretanto, dentre esses, apenas 50,0% completaram as três doses recomendadas (RIBEIRO et al., 2007). Esse valor está abaixo do encontrado neste estudo, em que 95,06% sabiam da existência da vacina. Com relação à prevenção da hepatite C, em pesquisa realizada com estudantes de enfermagem de uma universidade pública do nordeste brasileiro, 69,7% e 21,71% apresentaram conhecimento moderado e baixo, respectivamente. Esse baixo nível de informação corrobora com o fato que a maioria dos participantes desta pesquisa (59,88%) acreditavam que existia vacina para essa doença. É válido destacar que, embora o nível de conhecimento sobre vacinas encontrado em outros estudos esteja mais baixo do que no presente estudo, eles não são específicos aos estudantes de medicina, não sendo, portanto, uma comparação fiel.

Sobre o conhecimento dos alunos a respeito das IST, com relação à transmissão, evolução e tratamento, as doenças com melhor conhecimento foram HIV/Aids (63,58%) seguido do HPV (42,59%) e Sífilis (42,59%), o que é preocupante ao se analisar o aumento a nível mundial dos índices dessas doenças. Estudo realizado em São Paulo sugere que apenas 19% dos universitários têm conhecimento suficiente sobre IST (CASTRO et al., 2016). Esse valor é próximo, mas ainda menor do que o encontrado neste estudo, referente à Hepatite B, Hepatite C, Clamídia e Tricomoníase, que obteve níveis de conhecimento de 26,54%, 32,1%, 26,54%, 22,22% e 25,96%, respectivamente. O mesmo se diz em relação ao conhecimento acerca do herpes genital, em que apenas 16,7% sabiam identificar lesões e formas de apresentação (CASTRO et al., 2016), sendo esse um valor abaixo do encontrado neste estudo (59,26%). Entretanto, ressalta-se que o estudo paulista referido englobou universitários de todos os cursos, não sendo específico à graduação em medicina.

Destaca-se que a Clamídia e a tricomoníase são as IST que os estudantes referem ter menos conhecimento, com 22,22% e 25,93% respectivamente. Corroborando com tais dados, percebe-se que as duas IST possuem poucos estudos registrados na literatura existente. Logo, ressalta-se a importância de maiores investimentos na propagação de conhecimento sobre a clamídia e a tricomoníase.

Um estudo realizado por Oliveira (2010), sobre o perfil epidemiológico em uma população de estudantes universitários no interior de São Paulo, demonstra que o conhecimento dos universitários com relação à forma de transmissão e prevenção das hepatites, 88,7% dos participantes da pesquisa relataram ter conhecimento e 49% receberam as informações através de folders distribuídos por órgãos públicos. Tal resultado está de acordo com o encontrado na tabela abaixo quando relacionado à hepatite B, e ao analisarmos as respostas referentes à hepatite C, percebemos que há um conflito em relação ao conhecimento dos alunos referente à vacinação contra hepatite C.

Segundo Ministério da Saúde do Brasil (2020), o corrimento vaginal é o principal sintoma referido pelas mulheres atendidas, sendo classificadas como doenças que causam corrimento a candidíase, a tricomoníase e a gonorreia, com isso, classificado como de alta importância de conhecimento. Apesar dos índices relatados pelos entrevistados sobre o conhecimento acerca das IST, quando se analisa sobre as respostas dadas sobre o tópico dos acometimentos que geram um corrimento anormal 66 estudantes (40,74%) não assinalaram a tricomoníase como sendo uma delas, apesar de ser um dos principais sintomas da doença e 39 (24,07%) assinalaram que o HPV daria o corrimento. Além disso, 126 integrantes (77,78%) assinalaram a gonorreia como sendo uma causadora de corrimento, sendo a maior taxa de acerto. Segundo Castro et al., (2016), mais de 70% dos universitários (que incluem os de medicina) reconheceram que possuem dúvidas sobre o tema e que precisavam de maior conhecimento sobre as IST, o que complementa e reflete no encontrado sobre o conhecimento das doenças que causam o corrimento.

Em um estudo sobre o conhecimento acerca do HIV realizado com 5040 domicílios, mostrou que a maioria (90,2%) tinham conhecimento sobre o uso da camisinha como forma de prevenção, mas quando se comparou a outros meios, mostrou uma baixa sobre o conhecimento do HIV (FERREIRA, 2008). Nesta pesquisa, ao investigar sobre o conhecimento quanto ao tempo para detecção do HIV nos testes mais comumente usados, apenas 45 entrevistados (27,78%) assinalaram a opção correta, com uma taxa de 72,22% de erro. O que confronta a questão de conhecimento sobre as IST onde o HIV foi considerado a doença com maior índice de pessoas que consideraram saber o suficiente sobre elas, com 103 estudantes (63,58%). Outro ponto relacionado ao número de estudantes que assinalaram não saber, representando 30,25% dos investigados.

Em contrapartida ao estudo de Ferreira (2008), em pesquisa realizada com graduandos de medicina da Universidade do Estado do Pará, observou-se excelente nível de conhecimento sobre forma de transmissão e apresentação do HIV, com grau de acerto variando de 18,2 e 19,4 em 20 pontos (CUNHA et al., 2020). Esses dados corroboram com os percentuais obtidos neste estudo, no qual percebe-se um maior nível de conhecimento dos estudantes acerca do HIV, tendo percentuais de acerto nos quesitos existência de vacina, presença de corrimento anormal, tempo de detecção e agente causador da Aids de 98,77%, 96,3%, 91,8% e 98,8% respectivamente.

Em relação à IST e seu agente causador, o HIV com sua etiologia viral liderou a porcentagem de acertos com 98,8%, seguido pelo herpes genital (80,9%) também com etiologia viral. A gonorreia foi a doença com maior percentual de respostas “não sei” (19,75%) e 15,4% erraram ao não marcar etiologia bacteriana.

Em análise direcionada, observa-se que 30,2% dos participantes erraram ao não marcar protozoário como agente causador da tricomoníase. Também relataram apresentar baixo nível de conhecimento quanto à transmissão, evolução e tratamento (25,93%). Comparando à literatura existente, em pesquisa realizada com mulheres atendidas na rede pública de Uberlândia-MG, também se observou alto nível de desconhecimento sobre tricomoníase, em que apenas 75 mulheres (10,1%) já tinham ouvido falar da doença e dessas apenas 47 (62,6%) sabiam como era transmitida (GRAMA, 2016).

Já acerca da Clamídia, apenas 22,22% dos participantes relataram ter conhecimento suficiente. Com conclusões semelhantes, estudo sobre a prevalência de clamídia realizado com 454 universitárias do estado do Pará observou a presença da doença em 10,4% dessas, valor semelhante à média encontrada na população brasileira. Esperava-se encontrar baixas frequências, uma vez que a população universitária apresenta maior grau de instrução (SANTOS et al., 2017).

Para quais das IST existe vacina	HIV	1,23% (2)
	HPV	93,21% (151)
	Sífilis	7,41% (12)
	Gonorréia	4,32% (7%)
	Hepatite B	95,06% (154)
	Hepatite C	59,88% (97)
	Clamídia	0,62% (1)
	Tricomoníase	4,32% (7)
	Herpes genital	4,32% (7)
	Nenhuma	4,32% (7)

Considera conhecer o suficiente sobre quais das IST (transmissão, evolução e tratamento)	HIV	63,58% (103)
	HPV	49,38% (80)
	Sífilis	42,59% (69)
	Gonorréia	26,54% (43)
	Hepatite B	32,1% (52)
	Hepatite C	26,54% (43)
	Clamídia	22,22% (36)
	Tricomoníase	25,93% (42)
	Herpes genital	40,74% (66)

	Não sei	12,96% (21)		
Quais IST apresentam corrimento anormal (odor, textura, coloração)	HIV	3,7% (6)		
	HPV	24,07% (39)		
	Sífilis	35,19% (57)		
	Gonorréia	77,78% (126)		
	Hepatite B	0,62% (1)		
	Hepatite C	0,62% (1)		
	Clamídia	63,58% (103)		
	Tricomoníase	59,26% (96)		
	Herpes genital	20,99% (34)		
		Não sei	4,32% (7)	
Tempo para detecção do HIV	5 dias	8,02% (13)		
	30 a 60 dias	27,78% (45)		
	120 dias	33,95% (55)		
	Não sei	30,25% (49)		
IST e classe do agente causador		Certo	Errado	Não sei
	HIV	98,8% (160)	0,62% (1)	0,62% (1)
	Sífilis	57,4% (93)	27,8% (45)	14,8 (24)
	Gonorréia	64,8% (105)	15,4% (25)	19,75% (32)

Hepatite	77,2% (125)	11,1% (18)	11,7% (19)
Candidíase	79,6% (129)	15,4% (25)	4,9% (8)
Tricomoniase	54,3% (88)	30,2% (49)	15,4% (25)
Herpes genital	80,9% (131)	9,9% (16)	9,9% (16)

Tabela 3: Nível de conhecimento dos voluntários em relação às IST. N = 162 distribuídos em relação à frequência relativa e frequência absoluta.

Vale destacar que, embora esse estudo tenha se baseado no ensino superior, educação em saúde é uma estratégia que deve ser trabalhada desde o ambiente escolar, visto que é um problema de saúde pública. Espera-se que novas abordagens e ferramentas de ensino possam ser usadas para alcançar comportamentos sexuais mais seguros com maior responsabilidade social.

4 CONCLUSÕES

No presente estudo identificamos que os estudantes de medicina apresentam maior conhecimento acerca das IST do que a população em geral, o que era esperado, visto que a população universitária apresenta alto grau de instrução. Além disso, graduações voltadas para as ciências da saúde lidam com a prevenção e o tratamento de doenças, dentre elas as IST, constituindo mais uma razão para esses indivíduos estarem orientados. A maioria dos participantes consideram que, dentre as IST, possuem conhecimento suficiente principalmente sobre o HIV. Entretanto, IST como clamídia e tricomoníase necessitam de mais enfoque, devido ao menor grau de entendimento.

Mesmo diante dessas pontuações, a maioria dos estudantes de medicina relataram que já se expuseram ao risco de contrair uma IST e a metade nunca realizou um exame sorológico. Portanto, os dados do presente trabalho nos levam a refletir sobre a necessidade de avaliar algumas possíveis na formação atual dos estudantes de Medicina.

Por fim, acreditamos ser importante estratégias de intervenção para maior conscientização dos voluntários, principalmente, por se tratar de futuros profissionais de saúde que atuarão tanto no controle quanto no tratamento das IST.

5 REFERÊNCIAS

ALVES, B. S.; NASCIMENTO, G. L. **Conhecimento e atitudes de homens universitários acerca do papiloma vírus humano (HPV) em um centro universitário de Brasília.** 2018. 22 p. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Graduação em Enfermagem - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018.

Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/13041/1/21496603.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2019.

RIBEIRO, A. et al. Hepatite B: Conhecimento e Prática dos Alunos de Odontologia da UFPB. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada**, v. 7, n. 3, p. 211-216, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/637/63770303.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2011.

AQUINO, P. S.; BRITO, F. E. V. Perfil sexual de adolescentes universitários de um curso de graduação em enfermagem. **Rev. mineira de enferm.**, v. 16, n. 3, 2012. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/534>. Acesso em: 22 ago. 2019.

ARAGÃO, J. C. S.; LOPES, C. S.; BASTOS, F. I. Comportamento Sexual de Estudantes de um Curso de Medicina do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p. 334-340, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v35n3/a06v35n3.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2019.

ARAGÃO J. Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. **Revista praxis ano III**, Volta Redonda – RJ, v.3, n. 6, 2011. Disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/566/0>. Acesso em: 01 set. 2019.

ARAÚJO, D. S. et al. Práticas de sexo seguro e prevenção de DST/AIDS: conhecimento de jovens recém-ingressos em uma instituição de ensino superior. **Rev. De Enf. Da UFPI**, Maceió-AL, v. 1, n. 1, p. 36-63, 2012. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/710/624>. Acesso em: 25 ago. 2019.

AZEVEDO, J. Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Rev. Sexualidade e Planejamento Familiar**, Lisboa, n. 50/51, p. 43-45, 2008. Disponível em: http://www.apf.pt/sites/default/files/media/2016/sex.plan_.familiar_50_51.pdf. Acesso em: 01 set. 2019.

BASTOS, J. L. D.; DUQUILA, R. P. Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia: estudo transversal. **Rev. Scientia Médica**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 229-232, 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/%20scientiamedica/article/viewFile/2806/2634>. Acesso em: 02 set. 2019.

BORGES, M. R. et al. Comportamento sexual de ingressantes universitários. **Rev. Cuidado é fundamental**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 3-10, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/5057/505750946027.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2019.

BORNEA, E. R.; GONCALVES, A.; PADOVANI, C. R. Avaliando conhecimento em DST de graduandos em medicina segundo a taxonomia de bloom. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 25-30, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022014000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 ago. 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico: HIV Aids**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaids-2018>. Acesso em: 17 mai. 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico: Sífilis**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/novembro/13/BE-2017-038-Boletim-Sifilis-11-2017-publicacao-.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**. Brasília, DF, v. 48, n. 1, p. 2-10, 2017. Disponível em: http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/janeiro/05/2016_034-Aids_publicacao.pdf. Acesso em: 25 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília, DF, 2015. Disponível

em:

http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeutica_atencao_integral_pessoas_infeccoes_sexualmente_transmissiveis.pdf. Acesso em: 16 mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília, DF, 2020.

Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-atencao-integral-pessoas-com-infeccoes>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BRENNA, S. M. F. et al. Prevalência do polimorfismo do códon 72 P53 em mulheres brasileiras com câncer de colo do útero. **Genética e Biologia Molecular**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 496-499, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47572004000400005. Acesso em: 04 set. 2019.

BRÊTAS, J. R. S. et al. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 551-557, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n3/a08v43n3>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BURD, E. M. Papilomavírus humano e câncer cervical. **Revisões de microbiologia clínica**, Maryland, v. 16, n. 1, p. 1-17, jan. 2003. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12525422>. Acesso em: 03 set. 2019.

CASTRO, E. L. de. et al. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2016, v. 21, n. 6, pp. 1975-1984. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/trKSmlBwFPd3LC4x64N4Tnf/?lang=pt#>. Acesso em: 10 nov. de 2021.

CUNHA, A. C. S. et al. Percepção e conhecimento dos estudantes de medicina acerca do HIV e da AIDS. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, v. 10, n. 1, p. 21-29, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5704/570467613004/html/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

DESSUNTI, E. M.; REIS, A. O. A. Fatores psicossociais e comportamentais associados ao risco de DST/AIDS entre estudantes da área de saúde. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, p. 267-274, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692007000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 ago. 2019.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA. **Número de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) aumenta**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/565-numero-de-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-ist-aumenta>. Acesso em: 25 ago. 2019.

FERNANDES, M. A. Infecções sexualmente transmissíveis e as vivências de mulheres em situação de reclusão. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro; v. 24, n. 6, 2016. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v24n6/v24n6a13.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2019.

FERREIRA, M. P. Nível de conhecimento e percepção de risco da população brasileira sobre o HIV/Aids, 1998 e 2005. **Rev. Saúde Pública**, 2008, v. 42 (Supl 1), p. 65-71. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2008.v42suppl1/65-71/pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FONTE, V. R. F. et al. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. **Escola Anna Nery**, v. 22, n. 2, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ean/v22n2/pt_1414-8145-ean-22-02-e20170318.pdf. Acesso em: 17 jun. 2019.

GIR, E. et al. Biossegurança em DST/AIDS: condicionantes da adesão do trabalhador de enfermagem às precauções. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 245-253, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342004000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 mai. 2019.

GRAMA, DF. **Prevalência e fatores de risco para Trichomonas vaginalis em mulheres atendidas em unidades de saúde pública no município de Uberlândia-MG e comparação entre técnicas de diagnóstico.** 2016.

Disponível em: [https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16667/1/Diss Daliane.pdf](https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16667/1/Diss%20Daliane.pdf). Acesso em: 10 nov. 2021.

GUSE, L. E. C.; SILVA, M. F. P. T. B; MARTINEZ, A. C. Avaliação do nível de conhecimento de acadêmicos universitários a respeito do papilomavírus humano. **Rev. de Ciência Veterinária e Saúde Pública**, v. 1, n. 1, p. 40-46, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/287136336>. Acesso em: 27 ago. 2019.

HOLMES, Richard. **Doenças sexualmente transmissíveis.** Nova Iorque: McGraw Hill, 4ed. 2008.

JACOBOWSKI, B.; JUNG, G. S.; TEVISOL, F. S. **Comportamento de Risco para HIV e DST entre Professores Universitários**, Tubarão - SC, p. 205-205, 2010. Disponível em: <http://www.dst.uff.br/revista22-4-2010/6%20-%20Comportamento%20de%20risco%20para%20DST.pdf> Acesso em: 18 mai. 2019.

OLIVEIRA, CÉLIA FIGUEIREDO DE; **Deteção de marcadores sorológicos para hepatite A,B e C associados ao perfil epidemiológico em uma população de estudantes universitários no interior de São Paulo - SP**, Célia Figueiredo de Oliveira. Campinas, SP : [s.n.], 2010.

OSIS, M. J. D.; DUARTE, G. A. S.; SOUZA, M. H. Conhecimento e atitude de usuários do SUS sobre o HPV e as vacinas disponíveis no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, n. 1, p. 123-133, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2014048005026>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

PANOBIANCO, M. S. et al. Knowledge concerning HPV among adolescent undergraduate nursing students. **Texto & Contexto - Enfermagem**. 2013, v. 22, n. 1, p. 201-207. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000100024>. Acesso em: 17 ago. 2019.

PEREIRA, R. G. V. et al. A influência do conhecimento sobre a vacina contra o Papilomavírus Humano: um ensaio clínico randomizado. **ABCS Health Sciences**, v. 41, n. 2, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.7322/abcshs.v41i2.873>. Acesso em: 17 nov. 2021.

REIS, M. S. P, **Promoção da Saúde Sexual em Jovens Universitários Portugueses - Conhecimentos e Atitudes Face à Contracepção e a Prevenção das IST.** 2012. 304. Dissertação elaborada para obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Educação, Especialidade Educação para a Saúde. Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, 2012.

RODEN, R. B.; LING, M.; WU, T. C. Vacinação para prevenir e tratar o câncer do colo do útero. **Patologia Humana**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 8, p. 971-982, ago. 2004. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0046817704002291?via%3Dihub>. Acesso em: 06 set. 2019.

SALES, Willian. B.; CAVEIÃO, Cristiano; et al. Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. **Revista de enfermagem referência**, Coimbra, série IV, n. 10, jul./ago./set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserIVn10/serIVn10a03.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

SANTOS, V. P.; COELHO, M. T. A. D. et al. Existe relação entre o conhecimento de estudantes a respeito das formas de contágio do HIV/AIDS e suas respostas sobre a proximidade com soropositivos?. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p. 2745-2752, 2017. Disponível em: https://scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017000802745#. Acesso em: 17 ago. 2019.

SANTOS, L. M. et al. Prevalência da infecção endocervical de Chlamydia trachomatis em universitárias do estado do Pará, Região Amazônica, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saude**, Ananindeua, v. 8, n. 3, p. 27-33, 2017. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232017000300027&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SPINDOLA, T.. et al. Dialogando com estudantes universitários sobre as infecções sexualmente transmissíveis. **Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 60-68, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/view/22203/23962>. Acesso em: 18 mai. 2019.

UNAIDS. **Estatísticas: estatísticas globais sobre HIV**. 2019. Disponível em: <https://unaids.org.br/estatisticas/>. Acesso em: 24 ago. 2019.